

Por uma literatura como educação da voz

Prof. Ms. Plínio Rogenes de França Dias (UEPB)

Resumo

A sociedade do século XXI tem redimensionado todas as formas de composição artísticas e a juventude no seio tecnocrático tem demonstrado forte interesse pelas novas linguagens e interatividades. Um fato é que a maioria dos professores tem dificuldade de acompanhar as demandas culturais da juventude, reduzindo várias possibilidades dialógicas em sala de aula. A poesia, nesse contexto, ainda não tem recebido seu devido valor, seja pela sua condição de gênero desprivilegiado no mercado de livros, que gera desinteresse dos jovens, seja pelo despreparo de vários professores para o trabalho com as possibilidades do texto poético. O presente trabalho vem, portanto, propor e relatar experiências que aproximem a poesia às novas gerações. A partir de pressupostos da poética da oralidade de Paul Zumthor e da estética da recepção, faremos uma defesa da performance poética como metodologia de abordagem do texto literário, além de refletir sobre suas diversas possibilidades para o ensino de literatura.

Palavras-chave: literatura e ensino; poesia; experiência estética

Situação

“O que esta sociedade espera de nós é produção de um saber lúdico”
(ZUMTHOR, 2000, p. 121)

Peço licença aos ritos da escrita acadêmica para começar este artigo com um poema de minha autoria:

O Poema

No papel, objeto morto
Possível de ressurreição

No livro, abjeto e enterrado
Interessante a arqueólogos.

Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

Na voz, emergente
Convite ao hospital dos sentidos

No corpo, pulsante
Insolente, livre...

Metalinguisticamente, estes oito versos resumem o corpo teórico sobre o qual me debrucei e propõem a experiência estética que aqui busco compartilhar. Nos quatro primeiros versos, trato do poema, em sua instância escrita, que é apresentado como possibilidade, mas frio e circunscrito a uma linguagem limitada e estável, veiculada em livros que para muitos não passam de objetos em estantes. Nos quatro últimos versos, proponho que o texto poético é, antes de tudo, uma comunicação vocal que ‘convida ao hospital dos sentidos’. No decorrer deste trabalho, defenderei ainda, com a estética da recepção e a poética da oralidade, a poesia como instância catártica por excelência e, porque não dizer, de cura.

Meu espaço primordial de comunicação literária é a sala de aula. Sou um professor vocacionado e eventualmente teço poemas. Mas dez anos de ensino desta disciplina intitulada Literatura no Ensino Médio puderam me conduzir a algumas constatações: a primeira é a de que o fenômeno que apresentamos às novas gerações é extremamente restritivo e incompleto. Primeiramente porque a maioria dos professores está presa ao cânone prescrito nos livros didáticos. Então, regidos por essa instituição quase incontestável, seja por imposição seja por conformismo, temos mantido a literatura como história da literatura, e as formas de abordagem, quando ocorrem além da apresentação estática dos autores e características das escolas, têm-se concentrado em leituras analíticas racionalizantes e abstratas (ROUXEL, 2013).

Na ponta desse processo está o jovem, leitor incontestável, real sujeito de uma cultura, mas que não espera do livro o mesmo que seus professores. Aliás, muitos não têm no livro seu principal objeto de leitura, o que não os descaracteriza como leitores. Não é intenção deste trabalho discutir o futuro do livro, mas é fato inquestionável que ele não é o único veículo da literatura, pelo menos não da poesia. Muitos de nossos alunos têm mais contato com textos poéticos via twitter ou facebook, para não falar na poesia musicada que escutam. Uma simples busca por “blog de poesia” no google, revela mais de dezoito milhões de páginas e isso revela um dado significativo. Claro que a quantidade nesse caso pode ser permeada por obras de qualidade discutível, mas acreditar que o jovem tem um acesso ilimitado à leitura e leitura de poesia é um ponto de partida mais concreto do que posturas antidialógicas de alguns professores que insistem em afirmar que “os alunos hoje não querem ler”.

Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

Mas querer ouvir ou assistir à aula é, de fato, um pressuposto. A comunicação não acontece sem o receptor, que por sua vez não é passivo. O leitor é um **sujeito** da aprendizagem e, portanto, um construtor de significados. Pelas palavras de Maria do Rosário Magnani:

Sob o olhar interacionista, (a leitura) é um processo de construção de sentido. Oscilando numa tensão constante entre paráfrase (reprodução de significados) e polissemia (produção de novos significados), ela se constitui num processo de interação homem/ mundo, através de uma relação dialógica entre leitor e texto(...) (MAGNANI, 1989, p. 34).

A leitura deve ser, portanto, o centro do processo de ensino-aprendizagem, como também um objetivo, no plano de cada professor (em qualquer área do saber). Infelizmente, ainda há poucos professores, inclusive de linguagens, que ocupam-se de fomentar o interesse pela leitura. Isso redobra o desafio, portanto, ao ensino de literatura para este novo tempo, o que implica na estruturação de um campo de ensino-aprendizagem que parta, no curto contato, das experiências dos jovens leitores e os conduza a novas experiências de leitura, ampliando seu horizonte de expectativas. Segundo Carlos Ávila,

Uma vez constatado que a atual sociedade de consumo trata a criação cultural como produto, inserindo-a num contexto massificante, que tende a relativizar as noções de qualidade e quantidade, impõe-se também a necessidade de um olhar crítico, distanciado e sempre pronto a detectar as contradições e ambiguidades do processo. Essa necessidade surge quando se percebe a força avassaladora das exigências de mercado, muitas vezes capaz de moldar e reduzir a produção artística a um padrão médio consumista. O nivelamento nauseante não só empobrece a criação como reduz o campo de escolha do consumidor, impedindo o alargamento do repertório e a circulação da informação nova. (2004, p. 22)

Como se vê, são complexos os objetivos do ensino de literatura, porque vão além da informação e se contrapõem aos usos hegemônicos da comunicação artística. Esse descaminho da leitura na sociedade de massa impõe ao estudioso uma perspectiva radical que não se constitua numa retórica de manifestação conflitiva aos jovens, como se eles fossem o alvo da crítica. Tal postura antes elitiza a cultura do que a disponibiliza para as novas gerações.

Contrariamente a uma opinião difundida, o público das mídias não constitui uma massa indiferenciada, pois exerce, mais do que em geral se admite, a sua liberdade de escolha. Ele aceita facilmente o que lhe é oferecido e, sem maior resistência, forma seus hábitos. Mas,

Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

repentinamente, tudo pode desabar. As mídias impulsionam para o convencional, regenerando assim, Paradoxalmente, um tradicionalismo que era atribuído às sociedades arcaicas. (ZUMTHOR, 2012, p. 29)

Essa virada tradicionalista implica numa retomada dos fenômenos literários pelo que possuem de mais original e, daí, radical. Toda a literatura não é, em essência, poesia? E toda poesia não é originalmente, oral?

Uma teoria poética que tenha relevância para o ensino de literatura não pode concentrar-se somente nas propriedades internas do texto literário. Não se trata de ser indiferente à *mímese* (que tem recebido o olhar prioritário da teoria e dos professores), mas acrescentar à ela a importância da *katharsis*, da *poíesis* e de outro conceito retomado pela hermenêutica: a *aisthesis*. Essas três últimas funções evidenciam a interacionalidade da natureza literária. Façamos um breve comentário sobre a relevância de tais conceitos.

Katharsis é entendida como a “concretização de um processo de identificação que leva o espectador a assumir novas normas de comportamento social, numa retomada de ideias expostas anteriormente” (ZILBERMAN, 1989, p. 57), a *katharsis* é, em última instância, um potencial da literatura para a emancipação, porque expande a compreensão que o ser humano possui do mundo dentro do indescritível espaço do instante, que responde intimamente à sensação de prazer.

O espectador pode ser afetado pelo que se representa, identificar-se com as pessoas em ação, dar assim livre curso às próprias paixões despertadas e sentir-se aliviado por sua descarga prazerosa, como se participasse de uma **cura** (*katharsis*). Esta descoberta e justificação do prazer catártico, com a qual Aristóteles corrigia o ‘mecanismo do efeito direto’, sobre o qual Platão apoiara sua condenação da arte, é por certo a herança mais provocante da teoria antiga do poético (JAUSS, 1979, p. 87. Grifo nosso).

O ensino de Literatura deve configurar-se, portanto, como um conjunto de experiências estéticas que proporcionem autonomia de leitura, pensamento crítico e educação da sensibilidade e do autoconhecimento. Tais colaborações teóricas parecem-nos brilhantemente resumidas por Annie Rouxel, para quem

Pensar o ensino de literatura e suas modalidades práticas supõe que se defina a finalidade desse ensino. É a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico – capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção – que é prevista aqui. É também, obviamente, a formação de uma personalidade sensível e

inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino da literatura vislumbra. (2013, p. 20)

A experiência poética como caminho pedagógico

Se o ato de ler e sua conseqüente construção de sentidos devem constituir o centro do processo de ensino-aprendizagem de Literatura, as conseqüências dessa proposta também devem ser assumidas em amplo espectro. Uma primeira conseqüência, então, deve ser a busca de uma fruição consciente em sala de aula, ou como diria Jauss, “o prazer estético da identificação possibilita participarmos de experiências alheias, coisa de que, em nossa realidade cotidiana, não nos julgaríamos capazes” (1979, p. 99).

O texto poético, então, é capaz de proporcionar tal prazer estético porque

O que produz a concretização de um texto dotado de uma carga poética são, indissolivelmente ligadas aos efeitos semânticos, as transformações percebidas em geral como emoção pura, mas que manifestam uma vibração fisiológica. Realizando o não-dito do texto lido, o leitor empenha sua própria palavra às energias vitais que a mantém. (ZUMTHOR, 2000, p. 62)

Se há, portanto, a possibilidade de construção de uma experiência estética, ela se dá quando nos dispomos a uma vivência do outro, materializando com a voz e o corpo aquilo que o texto manifesta pelo dito e pelo não-dito. A leitura como experiência estética pode ir além do contato isolado e silencioso com o texto, modo tradicional de propagação dos livros. Aliás, em se tratando de poema, leitura silenciosa parece ser um momento insuficiente de contato com o texto, uma vez que

Um poema composto por escrito, mas ‘performatizado’ oralmente, muda por isso de natureza e função, como muda inversamente um poema oral coligido por escrito e divulgado sob esta forma. Acontece que a mutação permanece virtual, escondida no texto como uma riqueza tanto mais maravilhosa porque irrealizada. Assim são esses textos lidos com os olhos: sentimos intensamente que uma voz vibrava originariamente em sua escritura e que eles exigem ser pronunciados. (ZUMTHOR, 2010, p. 39).

Essa necessidade de pronunciar é o que se pode chamar de performance. Corresponde a uma realização sonora e/ou visual do texto, o que abre para seu diálogo

Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

com as linguagens musical, visual e, sobretudo, dramática. Há que ressaltar que Zumthor postula os fenômenos poéticos como correspondentes aos fenômenos teatrais. (2000, p. 22; 2010, p. 59)

No panorama dos gêneros, a emergência do texto dramático para as novas configurações do ensino abre possibilidades ímpares de construção de leitura, uma vez que podemos estabelecer paralelos entre essa performance potencial e a estrutura de apelo de que nos fala a estética da recepção:

Se nenhuma percepção me impele, se não se forma em mim o desejo de (re)construção, é porque o texto não é poético; há um obstáculo que impede o contato das presenças. Esse obstáculo pode residir em mim ou provir de hábitos culturais (tal como chamamos o gosto) ou de uma censura... (ZUMTHOR, 2000, p. 64)

Esse bloqueio cultural, ou censura, se revela em sala de aula no que muitos alunos chamam simplesmente de timidez e é também uma dimensão de aprendizagem que precisa ser construída, pois já não é mais possível uma cultura do silenciamento na escola.

É nesse ‘aprender a se manifestar’, que chego à experiência que desejo relatar e propor. Quantos professores de Literatura, ou de maneira geral, de língua portuguesa, nunca receberam de algum aluno um poema ou um texto que esse jovem julgava poético, para que comentasse, mais do que corrigisse? Ocorre que, quanto mais temos mergulhado em experiências estéticas em sala de aula, mais têm aparecido alunos com poemas para eu ler. A amostragem é complexa, diversificada e estimulante, mas até agora tem nos permitido um trabalho de três naturezas distintas:

1. A experiência poética inicial é muito importante para a formação do leitor de poesia. Daí que aproveitamos sempre a oportunidade para sugerir leituras e essa sugestão não deixa de levar em conta as próprias marcas de estilo do ou da jovem:

"Te garanto que o pôr-do-sol da cidade
era bonito como se se exibisse
como se dissesse 'ei
eu nasci pra ser poesia"
(Analice- A cidade das manias absurdas)

O revestimento prosaico e a linguagem simples deste poema deixam entrever uma observadora madura para sua idade (quinze anos), além de concentrada em elementos que, apesar de comuns, tornam-se poéticos à medida que ganham voz e contornos imagéticos. Quando recita seus poemas, esta aluna movimenta-se em passos curtos para ambos os lados, gesticula e fala rapidamente, mas com alegria e firmeza, transmitindo consciência corporal.

Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

Nos poemas a seguir, a jovem poeta opta por referir-se a si mesma em terceira pessoa, identificada como “a menina”, num resgate dos elementos poéticos da infância e de sua cidade natal, que são seus elementos mais recorrentes em outros poemas. Apesar disso, não há nostalgia, mas descoberta, que somada a linguagem prosaica, lembram com certa intensidade a obra poética de Adélia Prado, leitura que já lhe foi indicada.

"Amora é o feminino de amor
é amor brotando do pé depois da chuva
roxa e rosa, com mesmo gosto, mesma cor e mesmo cheiro
-era a fruta preferida da menina-"
(Analice - O amoreiro)

"Quando a menina feia viu
a revolução que a novidade fez quando chegou na cidade
de início achou graça
depois morreu de medo
depois teve raiva
lá pra o meio da semana ela aceitou
depois descobriu que fazia cócegas e sentiu tudo ao mesmo tempo
Ah menina feia! E se eu te disser que teu mal é uma tal de setembrice?"
(Analice- Quando a novidade chegou na cidade)

2. A experiência poética inicial tem forte caráter de enfrentamento das inseguranças que regem o jovem e sua capacidade de se manifestar. É comum um jovem apresentar seus poemas com alguma autocrítica. A performance também há de ser aqui um poderoso recurso para o reconhecimento do indivíduo enquanto ser no mundo, e como tal, dotado de uma voz que precisa e merece ser ouvida, afinal, o mundo da prática tantas vezes impõe silêncio e o indivíduo que se concentra em sua solidão incompreendida, encontra muitas vezes na palavra sua única forma de interagir com o mundo. “Nesse sentido, poesia não é mera rima de ecologia, mas também postura e uma atitude de vida que busca reequilíbrio em meio à violência e voracidade consumistas.” (ÁVILLA, 2004, p. 24)

Recordo-me das palavras de um jovem de dezesseis anos que, ao lançar seu livro em solenidade em nossa biblioteca, dizia ternamente: “este livro eu quero dedicar àqueles meninos que tão ali sozinhos no canto do pátio, com um papel e uma caneta na mão, e agradeço ao primeiro professor que me percebeu assim”. A crítica do professor, nesse caso, precisa ser bem elaborada, visando não a estímulos falsos, mas ao reconhecimento de potencialidades e superações.

Os jovens que criaram o poema a seguir não tornaram a escrever novos poemas, mas registram grande desenvoltura dramática na leitura deste e de outros textos:

Passados estranhos,
em mortes desesperadas
na guerra dos desamados
me vi encarregado de ilusões

Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

São eras sombrias
pela vida sem compaixão
nossos desejos inibidos ,
geraram dor e "frustração"

Sobre os tempos
andei perdido
porque vivi na solidão
sem amor e sem carinho
somente na destruição .

Quem é capaz de arrancar o amor
não sabe o rumo a que tomar
e toda vez que respiro
vejo neles , o ultimo olhar

A primeira lágrima que cai
é a mais significativa
saber que uns ficarão para trás
e outros estão bem distantes.

Roberto Lucas / [Nathália Scanoni](#)

Movendo-se com intensidade e, por vezes gritando e variando as vozes em alguns versos, os jovens ressignificam a solidão como um dado social, revelando que a poesia é antes de tudo uma forma de participar da realidade e, por que não, transformá-la.

3. A poesia do jovem é um importante meio para a aprendizagem dos constituintes poéticos e seus recursos expressivos, possibilitando contrariar o conceito difundido de que a poesia é fruto do ‘dom da palavra’ e, portanto, atividade para os poucos ‘iluminados’. É o que se percebe no poema a seguir, do jovem Caio Luders:



Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

No poema concreto apresentado, o movimento de respiração se reproduz como dado visual que complementa o aspecto verbal, relacionando um movimento mecânico com um processo criativo que, ora parte da inspiração, evento supraconsciente, ora retrata a expiração como instância laborativa da arte. Outra leitura muito pertinente à obra é a abordagem lúdica sobre a palavra “piração”, que recebe dois prefixos que lhe renovam a percepção.

Seja no ato da leitura como reconstrução de sentidos, seja na experiência poética inicial, espero ter registrado aqui alguns aspectos da permanência e perpetuação da literatura como veículo da voz diferenciada do cotidiano. O jovem possui o cerne da poesia e a escola precisa proporcionar meios para essa linguagem se manifestar.

Referências

ÁVILA, Carlos. **Poesia Pensada**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

JAUSS, J. **O Prazer Estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis**. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *A Literatura e o Leitor – Textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, Literatura e Escola. Sobre a formação do gosto**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROUXEL, Annie. **Aspectos Metodológicos do Ensino da Literatura**. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOFER-FALEIROS, Rita. *Leitura de Literatura na Escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História Literária**. São Paulo: Ática, 1989.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.

_____. **Introdução à Poesia Oral**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.